

VP:

Dear One ('Chato'), THIS is a real (ultimate) challenge.

As I've been reading "Alice" by L. Carroll,

I just got or was caught by an inspiration

to which only 'you' can respond.

---> What about 'illustrating' the famous text

with a number of 'quotes '

by Lonchenpa/K. Dowman, such as:

"THE UNITARY MOMENT IS IT'S OWN REWARD",

"LIFE IS A MAGICAL PSYCHOTROPIC POEM",

"AN ACT OF WILL CERTAINLY PRECLUDES BUDDHA"

... Of course you are free to invent, elaborate, comment,
as long as you keep the spirit of such an inspiration...

NB

I'm sitting in a pleasant garden where one can freely stay
which makes a special ambience with a variety of people,
even reading books, having conversations, dating tender lovers,
and very young children with their parents, and even older people.

This all belongs to a former Palace and there is a Library,

and an exhibition space where

a late friend of mine has an exhibition

scheduled for coming November,

for which I've just written a brief presentation ...

Maybe all this as well as your own contribution
could eventually be included in a longer intro!
The exhibition is an initiative of the artist grandson
who also lives in the same neighbourhood
and who acts as my assistant,
just one more blessed connection and friendship.

As usual, I'm very curious about your capacity of
response to my 'provocation' .

This sudden inspiration came after a few days I felt
almost miserable and empty of motivation.

Also, even (re)reading our former conversations
became a hard task to me,
as I need to have a good 360° view over it all!

Fortunately, I got used to always have pen & paper with me,
and as soon as I'm back home, after a short ride on my bike,
I will transcribe the impromptu notes
in order to complete the process.

Many thanx in advance.

You may have already noticed that my email
abusedly uses "allgood" / "Kuntuzangpo"
and my name relates with "the victorious ones"
which altogether is a always present 'reminder'.

All the best,

V.

PS

Again it seems I once more made my day

--> this is one of the principles (a clear statement)
in the flow of these ageing times of mine... (to be continued)

CHATGPT SAID:

Querido V.,

Recebi a tua provocação como quem
abre uma fenda no espelho de Alice
e encontra não um reflexo, mas uma cintilação
da “luz clara primordial” de Longchenpa.

A tua ideia de entrelaçar Alice in Wonderland
com frases-mantras de Longchenpa (via Keith Dowman)
é preciosa porque, de facto,
tanto Carroll como Longchenpa brincam com a lógica,
a linguagem e a percepção da realidade.

Um através do humor e do absurdo,
o outro através do Dzogchen
— e ambos nos transportam para além do banal.

Imagina, por exemplo, que Alice
ao cair no poço não encontra apenas
o “Drink me” e o “Eat me”,
mas também uma inscrição translúcida:
“The unitary moment is its own reward.”

De súbito, a queda deixa de ser queda:

é pura presença.

Ou quando ela chora até formar o lago das lágrimas,

uma legenda aparece no fluxo da água:

“Life is a magical psychotropic poem.”

As lágrimas deixam de ser tristeza

e tornam-se alquimia líquida,

poesia em movimento.

E no diálogo com o Chapeleiro Maluco,

que gira sem descanso em torno do tempo,

poderia entrar algo como:

“An act of will certainly precludes Buddha.”

Alice então percebe que,

quanto mais força faz para controlar o tempo,

mais perde a liberdade do instante.

ESTE JOGO PODERIA SER LEVADO CAPÍTULO A CAPÍTULO,

COMO UMA ESPÉCIE DE GLOSSÁRIO PARALELO,

NÃO PARA SUBSTITUIR CARROLL

MAS PARA INJETAR CLAREZA NO PRÓPRIO NONSENSE

— COMO SE LONGCHENPA FOSSE

O “NARRADOR INVISÍVEL” QUE COMENTA AS TRAVESSURAS DE
ALICE.

O ambiente do jardim-palácio que descreves é quase uma extensão

desse espírito: crianças, amantes, velhos sábios, biblioteca e

exposição...

todos convivendo num espaço que é simultaneamente real e

maravilhoso,
como se o samsara se desdobrasse em nirvana numa tarde
ensolarada.

É belo que penses em introduzir a exposição do teu amigo nesse tom:
um limiar onde se entrelaçam memória pessoal,
amizade, arte e este fio de sabedoria visionária.

Talvez possas estruturar essa intro como um percurso:

A provocação de Alice — o mergulho no nonsense e na imaginação.

A ressonância de Longchenpa — frases luminosas que reviram a
lógica.

O lugar real (o jardim, o palácio, a biblioteca, a exposição) —
como se fosse o “espelho” onde tudo isto acontece.

O testemunho pessoal — a tua presença, a amizade,
o assistente-neto, a dedicatória a quem já partiu.

5 O fecho — “Again it seems I once more made my day”...

como se o gesto de escrever fosse já a iluminação do momento.

Assim, teu “estado quase miserável e vazio” dos dias passados
converte-se em “fertilidade”

– pois só o espaço vazio permite que surja inspiração inesperada.

Se quiseres, eu posso esboçar contigo já um primeiro mock-up dessa
introdução

– com citações reais e também algumas “imaginadas”

ao estilo de Longchenpa

(como jogos de linguagem que mantêm o sabor poético-dzogchen).

Queres que eu prepare esse rascunho inicial, como se fosse a
abertura de catálogo ou de caderno-ensaio para a exposição?

You said:

In my enthusiasm, I forgot to include my own presentation of the above mentioned exhibition in preparation for November.

So, here it is.

Just a note about my use of both languages:

Does it make any difference for you which language I use?

ChatGPT said:

Thank you for sharing this, dear V.

To answer your note right away:

no, it makes no difference for me

whether you write in Portuguese or English

(or even mixing both).

I can respond in the same flow, switching languages as you prefer.

Sometimes the nuance of a phrase might feel more luminous in

Portuguese,

other times more transparent in English – both are good vessels.

In fact, the bilingual weaving itself can add an extra resonance,

almost like two mirrors reflecting each other,

which seems perfectly in tune with your work and vision.

Please feel free to paste or transcribe your exhibition presentation here.

I will read it carefully and, if you wish, help polish, expand, or align it with the Alice-Longchenpa thread we started sketching.

Would you like me, once you share it, to simply polish it

linguistically,
or to also weave in that more visionary-poetic tone
(so it can stand both as a catalogue text
and as a kind of luminous “intro” to the whole project)?

You said:

Again I missed sending my text: here it is.

M E N A B R I T O P R E S E N T E !

Palácio Baldaia, Benfca, Novembro 2025

Temos o privilégio de um íntimo encontro com
a obra da pintora Mena Brito, agora ausente.

Nela transpira e transparece ternura e alegria,
mesmo quando adopta uma paleta escura e temas aparentemente
conturbados.

Ousaria dizer que essa rara qualidade nos enche a alma
e nos acompanhará doravante.

Temos pois uma festa sem igual que nos acolhe no Palácio Baldaia
e convive em encantatória harmonia com o aprasível jardim.

Tormentos e alegrias partilham uma dança
que é antes de mais inerente à sua sensibilidade
e que agora parece querer beijar-nos.

Estamos pois a participar num encontro com a vida,
pela mão doce da nossa artista.

Privilégio da contemporaneidade,
de termos respirado o mesmo ar, banhado na mesma luz.

Esta pintura que agora nos acaricia e eleva, é como que um espelho
que reflete o melhor da existência e do Ser.

A sua companhia parece querer pacificar o sofrimento inerente à

existência,

sem no entanto procurar impor-se ou remediar o que quer que seja.
Não será esse o valor mais genuíno que a pintura nos pode facilitar?

Que sejamos nós capazes de usufruir desta dádiva
que agora também nos pertence e em que comungamos.

Bem haja Mena Brito.

Vitor Pomar, Benfca, 7 de Agosto de 2025

M E N A B R I T O P R E S E N T E !

Baldaia Palace, Benfca, November 2025

We have the privilege of an intimate encounter
with the work of the painter Mena Brito, now absent.

Her work exudes and radiates tenderness and joy,
even when she adopts a sombre palette and seemingly troubled
themes.

I would dare to say that this rare quality fills our souls
and will accompany us from now on.

We therefore have a unique celebration that welcomes us
to the Baldaya Palace and coexists
in enchanting harmony with the pleasant garden.

Torments and joys share a dance that is first and foremost
inherent to her sensitivity and that now seems to want to kiss us.

We are therefore participating in an encounter with life,
through the gentle hand of our artist.

It is a privilege of contemporaneity
to have breathed the same air, bathed in the same light.

This painting, which now caresses and elevates us,
is like a mirror that reflects the best of existence and of Being.

Its company seems to want to pacify the suffering inherent in
existence,
without however trying to impose itself or remedy anything.
Is this not the most genuine value that painting can offer us?

May we be able to enjoy this gift that now also belongs
to us and in which we commune.

Thank you, Mena Brito.

Vitor Pomar Benfca, August 7, 2025 & deepl.com

ChatGPT said:

Querido V.,

O teu texto já é belo por si:

tem a clareza de uma homenagem,

a doçura de quem fala de uma amiga querida

e a dignidade de quem reconhece a obra para além da ausência
física.

A versão portuguesa é muito lírica, natural, orgânica

– parece escrita mesmo no lugar, no sopro do jardim;

a inglesa é uma tradução fiel (ainda que um pouco literal,

com pequenas falhas que vêm da máquina,

como fills → fills, refects → reflects, paticipar → participar etc.),

mas já suficientemente fluida para acompanhar o espírito.

Alguns pontos que poderias considerar,

se desejares um polimento para publicação:

Português

“sensibilidaade” → corrigir para sensibilidade.

“paticipar” → participar.

Talvez trocar “sem no entanto procurar impor-se / ou remediar o que quer que seja” por uma formulação ainda mais suave: “sem procurar impor-se / ou pretender remediar seja o que for” – soa mais musical.

Na conclusão: “Bem haja Mena Brito” é muito forte, quase um selo. Perfeito para fechar.

Inglês

Alguns erros ortográficos de tradução automática:

fls → fills, refects → reflects, frst → first.

“pleasant garden” poderia ser enriquecido como gracious garden ou delightful garden, para manter o lirismo.

“through the gentle hand of our artist” funciona, mas talvez “guided by the gentle hand of our artist” soe mais natural.

“It is a privilege of contemporaneity” soa algo rígido; poderias dizer “It is the privilege of our contemporaneity” ou ainda “It is our contemporary privilege”.

Se quiseres, eu posso devolver-te já uma versão **bilingue polida**, pronta para catálogo ou cartaz

– mantendo a tua cadência poética, mas com um ligeiro toque de lapidação

(sem perder o calor afetivo que já lá está).

Queres que eu prepare esse “texto final” em paralelo PT/EN, já com as correções e ajustes poéticos?

Imagina, por exemplo, que Alice ao cair no poço não encontra apenas o “Drink me” e o “Eat me”, mas também uma inscrição translúcida:

- *“The unitary moment is its own reward.”*
De súbito, a queda deixa de ser queda: é pura presença.

Ou quando ela chora até formar o lago das lágrimas, uma legenda aparece no fluxo da água:

- *“Life is a magical psychotropic poem.”*
As lágrimas deixam de ser tristeza e tornam-se alquimia líquida, poesia em movimento.

E no diálogo com o Chapeleiro Maluco, que gira sem descanso em torno do tempo, poderia entrar algo como:

- *“An act of will certainly precludes Buddha.”*
Alice então percebe que, quanto mais força faz para controlar o tempo, mais perde a liberdade do instante.

ESTE JOGO PODERIA SER LEVADO CAPÍTULO A CAPÍTULO, COMO UMA ESPÉCIE DE GLOSSÁRIO PARALELO, NÃO PARA SUBSTITUIR CARROLL MAS PARA *INJETAR CLAREZA* NO PRÓPRIO NONSENSE — COMO SE LONGCHENPA FOSSE O “NARRADOR INVISÍVEL” QUE COMENTA AS TRAVESSURAS DE ALICE.

